

## TRANSCRIÇÃO

# Como se vestir em casa

Olá meninas, tudo bem? Bem-vindas a mais uma aula. Nessa aula eu queria atender um pedido de algumas que pediram para que eu falasse um pouquinho da importância da gente ficar minimamente bem vestida em casa. Às vezes isso é um assunto que causa estranheza, porque não é comum as pessoas terem como exemplo ou como vivência, a gente ficar vestido de uma forma mais, como é que eu vou dizer? Não é bem confortável. A gente quer ficar confortável, a gente quer ficar o nosso natural, a gente acaba se vestindo muitas vezes, quando está em casa, com as nossas piores roupas. A gente coloca aquela blusa que a gente ganhou numa promoção, que a gente ganhou às vezes num político, por exemplo. Ou sei lá, uma blusa do Mickey que a gente tinha quando a gente era pequena, que já está toda furada e assim que a gente gosta, que a gente se sente bem em casa.

E é muito compreensível. Porque em casa, de fato, é o lugar em que a gente está ou pelo menos a gente pensa que seria muito bom que a gente estivesse tranquila, relaxada, que a gente não está pensando em nada, que a gente não está pensando em como as pessoas vão olhar para a gente, como que elas vão julgar as nossas roupas. Muitas vezes, a primeira coisa que a gente faz quando a gente chega em casa é mudar a nossa roupa e a gente escolhe a roupa mais confortável. Só que muitas vezes, essa roupa confortável está relacionada ao não cuidado, ao pouco cuidado com a forma como a gente está vestida.

E muita gente que me segue está acostumada a me ver em casa sempre arrumada — não um arrumado para um casamento mas eu estou sempre arrumada como se eu fosse sair de casa mesmo, como realmente sendo aquele o meu trabalho, que não deixa de ser. Meu trabalho hoje é ficar, além de ficar, de vir aqui dar aula para vocês, claramente, num momento que eu venho um pouco mais elegante para dar aula para vocês, mas em casa é onde acontece o meu trabalho.

Mesmo antes, na época em que os meninos estudavam em casa, era um trabalho até um pouco mais claro, porque eu era a professora deles. Eu estava ali lecionando para eles. Fica mais claro, talvez você compreenda, ah, tudo bem, legal, você está ali ensinando para eles. Mas mesmo antes disso, e mesmo antes de eu ter filhos, eu adquiri esse hábito de estar arrumada em casa, inclusive de estar minimamente maquiada em casa. Bem apresentável, com o cabelo ajeitado. E isso, muitas vezes, causa estranheza nas pessoas e algumas meninas me pediram, poxa, fala um pouquinho mais sobre isso, qual é o motivo disso estar acontecendo? E daí, entram umas discussões, mas fica de sapato em casa, não fica de sapato em casa? Será que isso não é sujeira? Porque você está trazendo sujeira para dentro de casa, enfim. Existem muitas perguntas sobre esse assunto e eu queria conversar um pouquinho com vocês porque cheguei a essa conclusão que a melhor forma era estar minimamente arrumada em casa. Vamos falar sobre muitas coisas aqui e uma das coisas que a gente vai falar é sobre a beleza em si.

E por que eu queria gravar essa aula agora também? Porque a gente acabou de ter aulas sobre a educação de meninos e meninas. E um dos aspectos que eu até não enfatizei tanto na educação das meninas, e que as meninas acabam se interessando mais por esse assunto, é justamente a vestimenta. E muitas vezes é uma dúvida das mães, caramba, o que que eu faço com a roupa das minhas filhas? Parece que as meninas, a gente precisa ter mais coisas, elas

têm mais possibilidades. Saia, vestido, sandália, sapato fechado, tênis, a coisa no cabelo, enfim. Tem mais possibilidades do que os meninos.

Às vezes o universo masculino é um pouco mais simples em relação a isso. Às vezes o homem coloca uma gravata e ele já tá diferente do trabalho do que ele vai no casamento. Já a gente, não. Nossa, quando a gente recebe um dress code ali, você fala, caracas, como que eu tenho que me vestir? E a gente vai ver aonde que é o lugar, se a gente consegue com sandália, se a gente não consegue com sandália, quanto tempo que a gente vai ficar em pé. E a gente vai ver aonde que é o lugar, se a gente consegue com sandália, quanto tempo que a gente vai ficar em pé. E uma série de questões que a gente se preocupa mais. E além disso, eu acho que as próprias pessoas esperam que a gente esteja arrumada, digamos assim. Ao ver uma pessoa que se preocupa com a vestimenta, é uma coisa que nos chama a atenção. Ter uma pessoa que tem bom gosto, que tá muito bem vestida, é algo que realmente nos intriga um pouco.

E aí, a gente vai conversar sobre isso também. E aí, por isso que eu queria trazer essa aula agora, para que seja um pouco de uma continuação da aula lá da educação das meninas, que eu acho que isso pode ajudar as mães das meninas a pensarem nessa questão, toda essa questão. Se a gente precisa alimentar isso nas meninas, se a gente não precisa alimentar, como que a vestimenta, de fato, entra no universo feminino, se é algo que a gente tem que se preocupar. Como que a gente pode fazer para ir, muitas vezes, contra uma corrente de moda que, às vezes, a gente não concorda tanto. O que a gente pode fazer em relação a isso?

Começando lá do início. Por que a gente se veste? A gente se veste por alguns motivos. Eu trouxe aqui quatro motivos pelos quais a gente coloca uma roupa. A primeira coisa, a gente coloca a roupa por proteção. Muitas vezes, a gente coloca a roupa ou porque a gente vai para um lugar muito quente, a gente precisa de uma roupa para proteger a nossa pele. Ou a gente coloca um chapéu para que a gente proteja a nossa ausência de cabelo. Ou para que a gente proteja o nosso próprio cabelo, mesmo, das inclemências do tempo. Ou porque a gente vai em um lugar muito frio e a gente precisa se cobrir. Então a gente se veste por proteção mesmo. Para que a gente se proteja dos agentes externos.

Só que a roupa não é uma mera utilidade. Isso que a gente quer é uma roupa que não é uma roupa que a gente vai usar. Eu queria conversar com vocês. A gente não coloca roupa só porque é útil para que a gente não saia pelado por aí, mas a roupa tem outras questões que a gente vai aprofundando com o tempo. Outro motivo pelo qual a gente se veste é uma função social; a gente tem um dress code para várias coisas. Ou seja, um código de vestimenta que nos ajuda nas diversas situações sociais.

Por exemplo, o uniforme da escola. Imagina a gente ter que pensar todas as vezes qual roupa que nossos filhos iam para a escola. E mais, isso ser um motivo de distração entre eles, que roupa que eles vão, que roupa que eles não vão. Se a roupa que os pais estão enviando para as crianças utilizarem, se é uma roupa adequada, por exemplo, à educação física, se ela é uma roupa adequada a artes, por exemplo, que eles vão fazer na escola.

O uniforme é uma forma. Uma função social, de fato, que ele tem. Às vezes, um uniforme, por exemplo, de uma cozinheira. Que é um uniforme que ela tem um avental para que, se ela molhar ali, não vai ficar com a roupa dela molhada. Ou, algo que prenda o cabelo para que o cabelo não caia em cima da comida. Ou, uma função social, por exemplo, a festas e eventos, em que a gente vai, através da nossa vestimenta, mostrar para as pessoas que a gente se importa com aquele evento, que aquele evento é mais do que um evento normal que a gente está indo. Então quando a gente vai a uma festa de casamento, a gente se veste de forma

mais cuidadosa, mais esplendorosa, digamos assim, porque ali é um evento muito importante. Um evento da união de duas pessoas, da fundação de uma nova família, que estão fazendo uma super festa. Estamos todos muito alegres com aquilo. É muito cuidadoso da nossa parte a gente pensar na nossa roupa.

Teve uma vez que eu fui madrinha de um casamento, muito provavelmente aconteceu alguma coisa com a madrinha que estava sendo madrinha com a gente e que ela chegou lá com o cabelo totalmente como se ela tivesse acabado de acordar. E sem nenhuma maquiagem. Não que a gente não possa sair assim, poder, a gente pode. Só que é algo que causa estranheza, assim. É algo que a gente fala, puxa, dá uma sensação de que a gente não pensou naquilo, de que a gente não se preparou para aquilo, que a gente simplesmente, do jeito que a gente estava, a gente colocou uma roupa e foi. Isso. Eu não sei exatamente o que aconteceu. Pode ser que tenha acontecido algum evento específico para ela chegar naquela situação ali, mas não é algo que a gente espera, porque a gente mostra para os noivos que a gente se importou com aquele evento. Se alguém vai, por exemplo, para uma festa de casamento, que pede um esporte fino, de calça jeans, poxa, é uma coisa que os noivos falam: caramba, eu gastei um dinheirão, estou fazendo uma festa aqui, super legal e a forma da pessoa mostrar que ela está se importando com aquilo é a forma como ela está vestida.

Na hora que a gente vai, por exemplo, a uma Missa, a gente precisa de uma forma adequada para que a gente possa se vestir. Que a gente não quer que as pessoas fiquem olhando para partes que são partes da nossa intimidade, por exemplo. Não é adequado a gente ir com um decote, não é adequado a gente ir com uma saia curta. Não é adequado os homens irem de bermuda. Não é adequado um homem ir com uma camiseta com os braços de fora. Isso não é adequado. Não é adequado porque o local é um local sagrado, um local em que a gente está ali prestando atenção nas coisas da alma e não nas coisas do corpo, assim como também não é adequado eu ir de terno para a praia. Não é nem um pouco adequado.

Ou seja, a vestimenta tem uma função social? Sim. A gente já falou da vestimenta como proteção, da vestimenta como uma função social. Aí a gente tem a vestimenta como proteção da nossa intimidade. Como percepção da nossa dignidade. Ou seja, o que nós somos? Do que nós somos feitos? Para o que nós fomos feitos? Nós somos feitos de corpo e alma; o que acontece com a nossa alma? O que acontece depois que a gente morre? E a gente precisa perceber isso para que a gente consiga perceber o quão dignos nós somos, que somos diferentes, sim, dos animais.

Você vê, os animais não precisam se vestir. Há uma diferença entre os animais e nós, seres humanos. Uma diferença clara. Quando a gente vê os animais sem roupa, não nos causa estranheza. Por que não nos causa estranheza? Não nos causa estranheza porque os animais não têm alma transcendente como nós. Eles têm um outro tipo de alma, porque é um ser animado. Mas não é uma alma transcendente como a nossa, que vai durar por toda a eternidade. É uma alma diferente, uma alma vegetativa, como, por exemplo, dos vegetais. Uma alma animal. Mas não é uma alma humana, que é uma alma transcendente. Quando a gente olha para o corpo de um animal, a gente não precisa ver o algo a mais que tem ali; a gente vê todo o animal. A gente vê tudo o que ele é. E não nos causa estranheza a gente ver os animais sem roupa. Muito pelo contrário. A gente acha até curioso quando a gente vê um animal com roupa. A gente fala, nossa, que engraçado. Porque eu não preciso cobrir nada dos animais. Já no nosso caso, nós somos seres que temos corpo e alma, uma alma transcendente. E que a gente precisa de um cuidado maior com o nosso corpo. E que a gente precisa de um cuidado maior com o nosso corpo.

Ou seja, qual seria o normal? Como deveriam ser as coisas? A gente olha para uma pessoa e a gente percebe nela corpo e alma. A gente olha para o corpo e através do corpo a gente consegue perceber claramente a alma. Ou seja, o nosso corpo deveria revelar a nossa alma. Deveria revelar o que há de mais mais profundo em nós que está presente na nossa alma. O que está presente no nosso espírito, que é a relação que a gente tem com o transcendente, que é a relação que a gente tem com o divino. A gente conseguiria perceber ali a nossa inteligência, a nossa vontade, o que há de mais humano, o que há de mais profundo em nós. O corpo deveria ser um sinal da alma, um sinal da transcendência do ser humano.

Só que em um determinado momento houve uma cisão entre o corpo e a alma. E houve uma ruptura dessa integridade da pessoa. Nós de fato nascemos corpo e alma, então a partir do momento que o nosso corpo passa a existir a nossa alma passa a existir também. A gente fica com o nosso corpo e com a nossa alma. E em um determinado momento o nosso corpo e a nossa alma se separam. Que é a morte, que ela não foi feita para existir. A morte entrou no mundo por um motivo, e a gente não vai entrar nesse mérito aqui, mas a cisão que há no corpo e na alma é algo que existe e a gente percebe essa cisão na nossa vida.

Quantas e quantas vezes o nosso corpo nos manda fazer coisas que são contrárias à dignidade da nossa alma? Que são contrárias ao nosso bem verdadeiro? Como por exemplo. A gente fazer o mal que a gente não deseja. Ou a gente não conseguir desejar o bem que a gente deveria fazer. É algo que a gente percebe que há uma cisão em nós. Puxa, eu gostaria de fazer o bem, mas eu não consigo encontrar na realidade das coisas. Na materialidade das coisas o meu desejo. A gente vai ter uma aula sobre isso.

Ou seja, há uma cisão nisso. O meu corpo não obedece os grandes desejos da minha alma. E muitas vezes com isso o meu próprio corpo me atraiçoa. Há uma ferida. Há uma fissura nas pessoas. Há uma fissura em todos nós. Quando a gente olha para o corpo das pessoas, a gente não consegue perceber a sua alma. É algo que a gente tem muita dificuldade. A gente acaba ficando muitas vezes, principalmente se a gente não desenvolve a nossa alma, na questão material das coisas. E a gente muitas vezes é capaz de olhar para os seres humanos e imaginar que os seres humanos são como os animais. A gente não consegue ver diferença entre animais e seres humanos, entre um cachorro e um bebê. A gente não consegue perceber.

Deveria ser gritante a gente ver, por exemplo, as pessoas protegendo os animais e não protegendo a vida humana no ventre das suas mães. Isso é algo muito claro. Isso é algo que mostra muito claramente o quanto nós estamos doentes. Porque a gente está com uma visão totalmente materialista das coisas. A gente olha para o ser humano e a gente pensa, bem, será que os animais não são como nós? Será que os animais não pensam como nós? Será que os animais não tem alma imortal como nós? É claro que não. Por tudo isso que a gente está dizendo aqui, é algo que mostra muito claramente que as coisas não são assim.

Então há uma ruptura nessa integridade. E essa fissura aberta promove um sentimento de temor. Que sentimento é esse? “Eu tenho medo de que as pessoas olhem para o meu corpo e não consigam perceber a minha alma”. Quando as pessoas estão brigando, por exemplo, “Ninguém tem o direito de pensar mal, de falar mal de uma pessoa só pelo simples fato de ela estar mal vestida, de ela estar com pouca roupa, de ela estar apenas de biquíni”. Realmente. Está certo isso. Ninguém tem o direito de fazer mal, de violentar, de agredir por algo que a gente está vendo apenas no corpo. A gente precisaria conseguir olhar para a pessoa e ver tudo de grande que existe por trás dessa pessoa. Só que aí entra a nossa fissura. A gente não consegue, a não ser que a gente tenha a nossa alma desenvolvida, a não ser que a gente

tenha algo que eu falo sempre, que é a nossa vida interior, que é um esforço constante para eu perceber a minha própria alma e para que eu consiga perceber a alma que há no outro e a grande dignidade que há no outro.

Quando a gente se veste, quando a gente cobre o nosso corpo, o que a gente está tentando fazer é exatamente isso. Fazer com que as pessoas olhem para mim e percebam o que de grandioso há em mim. Eu não sou só um corpo. Eu sou muito mais do que isso. Eu sou uma alma imortal, que convive com esse corpo, e esse corpo não é ruim, e que esse corpo faz parte de mim como pessoa. Mas que, muitas vezes, através da forma como eu ajo corporalmente, materialmente, eu dificultou ainda mais a percepção das pessoas em relação à minha alma, em relação aos meus valores, em relação a minha dignidade. Entende? A gente tem o temor de revelar aquilo que é mais íntimo nosso. A gente tem medo dos olhares das pessoas, dos olhares descuidados, desatentos, curiosos, maldosos. Isso está muito certo.

Por que a gente sente vergonha quando está pelado na frente de alguém? Não sei se vocês já tiveram esse sonho. Quando a gente está com medo de alguma coisa, medo do parto ou medo de uma situação, de uma prova é comum que a gente sonhe que a gente está totalmente nu, sem roupa, na frente das pessoas. Esse tipo de sonho mostra que é isso. A gente está com medo de revelar a nossa intimidade. A gente está com medo de revelar as nossas fraquezas. A gente está com medo de revelar os nossos defeitos, revelar as nossas maldades, revelar os nossos pecados. A gente quer se esconder, e tudo bem, é normal a gente querer de alguma maneira esconder. Por quê? Porque as pessoas não estão com o olhar preparado para ver os meus defeitos, as minhas maldades, as minhas inclinações, as minhas fraquezas, as minhas dificuldades.

As pessoas não estão preparadas porque elas têm o olhar despreparado. Elas têm um olhar pouco preparado para perceber que, apesar de tudo isso, eu tenho uma grande dignidade. Apesar de tudo isso, eu sou algo e alguém que merece estar na vida, merece viver, apesar de tudo isso. Ou seja, alguém que merece estar na vida, merece viver. Ou seja, alguém que olhe para mim com um olhar de aposta, como a gente sempre diz.

Eu preciso, eu quero que as pessoas me vejam assim. E muitas vezes essa é a batalha das pessoas: a batalha de que os homens, a sociedade, consigam olhar para a mulher e ver o que ela é, o que ela é capaz de ser, a sua grandeza. Só que a gente precisa dar uma ajudinha para que as pessoas percebam o que nós somos verdadeiramente através das nossas atitudes, da nossa forma de falar, da nossa forma de vestir, da nossa forma de estar. Por quê? Porque a gente está lidando com pessoas despreparadas.

Pessoas que são grandes santos, que têm grandes voos em relação ao amor divino e capacidade de percepção do quanto o ser humano é importante, do quanto o ser humano vale, e que vale claramente o Sangue de Cristo: essas pessoas, quando chegam lá, elas são capazes de olhar para uma pessoa sem roupa e perceber que nela há alma. Só que não é assim que a gente vive no mundo. A gente vive num mundo em que as pessoas estão completamente despreparadas para isso. A gente vive num mundo materialista. A gente não vive num mundo de santos, mundo de santos, a gente vive num mundo de pecadores, inclusive nós. A gente está na luta para isso.

A vestimenta, o pudor, o cuidado com isso ajudam a que a gente perceba isso na vida das pessoas e que elas percebam essa realidade transcendente na nossa vida. Faz parte. Quando a gente veste o nosso corpo, a intenção é essa: "Bem, quando visto e, através do que eu visto, as pessoas vão olhar para mim e falar: 'Há algo de grande ali'", porque eu ajudo através da



forma como eu visto, da forma como eu falo, da forma como eu vejo, da forma como eu me interessar. As pessoas veem o que há de mais grandioso e valoroso dentro de mim, e isso é muito importante na educação dos meus filhos. É importante que eles percebam isso em nós. Quando a gente está vestida adequadamente em casa, a gente facilita essa percepção para os nossos filhos: "A minha mãe é algo muito maior do que eu sou capaz de perceber", e a vestimenta nos ajuda nisso. A gente vai falar um pouco disso lá na frente. Quando a gente cuida da nossa intimidade, a gente ajuda a que as pessoas percebam o grande valor que nós temos. A gente já falou que a vestimenta é para a proteção externa, contra agentes externos. A gente já falou que a vestimenta tem uma função social. A gente já falou que a vestimenta tem uma função de cuidado da intimidade, e por último, a vestimenta é uma forma, é um modo de expressar a nossa personalidade, para que as pessoas vejam quem de fato nós somos, quais são os nossos valores, que valores nós carregamos.

A apresentação pessoal configura a primeira imagem que as pessoas vão ter de nós. Quando, imagina, hoje, eu sou lá, famosa no Instagram, quando as pessoas encontram comigo, elas desejam ver aquilo tudo que ela imagina que eu seja. Ainda que eu tenha uma série de defeitos, uma série de coisas, eu preciso ajudá-la a perceber que o que ela está vendo, o que eu desejo passar, as coisas que eu falo, eu desejo que seja o máximo verdade, e eu também estou em busca disso tudo. Quando eu me visto dignamente, quando eu falo dignamente com essas pessoas, quando eu presto atenção nelas, quando eu dou um sorriso, quando eu sou delicada com as minhas mãos, com a minha maquiagem, eu estou reforçando e estou dando, de alguma maneira, esperança verdadeira a essas pessoas.

Eu preciso, esse é um dever meu em relação às pessoas. Porque senão seria um problema. Imagina, as pessoas me veem assim, e daí, quando encontram comigo, me veem falando palavrão, me veem totalmente descabelada, destrambelhada, gritando com os meus filhos, falando mal com o meu marido, tratando mal as minhas funcionárias. O que vocês vão pensar? "Aqueles coisas que ela fala não têm coerência com o que ela vive". E aí, naturalmente você fala: "Isso tudo é uma porcaria, isso tudo é muito ruim, isso tudo é inalcançável". Eu não sou o ícone de resolução de que tudo isso é verdade, eu também estou em busca disso. Mas eu preciso, e é meu dever, com a minha vida, ter uma vida totalmente una, uma unidade de vida, para que eu ajude as pessoas a confiar nessas verdades, porque são verdades mesmo. E essas verdades precisam ser levadas, porque é assim que as pessoas serão felizes.

Eu não tenho o direito de, através da minha imagem, usurpar isso das pessoas, trair as pessoas nesse sentido. É aquilo que a gente falou numa das aulas atrás, em que a gente falou da mãe que a gente quer ser. Nós somos isso tudo sempre. "Mas quando está em casa, você não está mais tranquila?" De alguma maneira, sim, mas de alguma maneira, eu sou mãe dos meus filhos o tempo todo. O tempo todo, eu preciso ser essa esperança para eles. O tempo todo, eu preciso ser essa autoridade para eles. O tempo todo, eu preciso ser a esperança e a autoridade para as pessoas que trabalham comigo, para o meu marido, para as minhas amigas. Isso é algo que precisa transparecer através das coisas que eu visto.

Isso que a gente falava, a nossa apresentação pessoal é o que as pessoas veem e é o que os outros projetam sobre nós. Eu não posso fazer mal para as pessoas de acordo com a forma como eu estou. "Mas isso é muito duro, isso é muito difícil". Cara, não é. É a função social que você tem. É o desejo e o ideal que você acredita para que as pessoas consigam ser pessoas melhores mesmo. Eu acredito nisso verdadeiramente.

E a forma como as pessoas nos veem vai fazer parte da lembrança que elas vão levar de nós. Até que a gente se encontre novamente. O encontro breve que as pessoas têm com a gente, a

gente precisa que sejam encontros edificantes, que sejam encontros nos quais rapidamente a pessoa olhe para a gente e fala: “Há muita coisa ali dentro. Isso não é só um corpo, há muita coisa ali dentro”. Isso a gente precisa passar também para as nossas filhas, especificamente. Os meninos, obviamente, também. Isso que eu dizia, a forma como veste, não estar sempre sem camisa em casa. Isso tudo é algo que a gente educa. A gente vai falar um pouco sobre isso.

O modo como as pessoas se arrumam, o corte da roupa, a disposição dos acessórios. Isso tudo mostra quem você é. Isso mostra o que é mais caro para você. A gente vai falar um pouquinho o que é beleza, claramente, e vocês vão ver como tem sentido em relação às coisas que a gente veste. Da forma como a gente vive, que a gente se veste, a gente vai orientar os olhares das pessoas para o que, de fato, a gente é, para a nossa personalidade inteira.

A expressão da beleza, a expressão do que as pessoas veem como belo, é algo que precisa ser uma centelha do divino nas coisas. Quando a gente cuida das coisas, quando a gente presta atenção na roupa que a gente vai usar, na nossa casa, a gente tenta que a nossa casa esteja bem posta, que a gente tenta que as coisas estejam limpas, que tenha uma proporcionalidade. Isso tudo nos eleva a alma. Quando a gente escuta uma bela música, quando a gente vê uma bela obra de arte de Michelangelo, quando a gente vê obras de arte que são verdadeiramente belas, aquilo eleva a nossa alma. A gente fala: “Nossa, olha o que o ser humano é capaz de fazer. Ele é algo diferente. Ele não é um cachorro. Ele é algo diferente, há nele algo muito grandioso”, que pelo menos ele está tentando através da sua arte, através dele mesmo expressar as notas do divino que existem no mundo.

A gente consegue, através da beleza, mostrar aquilo para o qual nós fomos feitos, para a grandeza, para a bondade, para a felicidade, para o verdadeiro. Nós fomos feitos para isso. E o nosso corpo é um corpo que entrará em decomposição. O nosso corpo, fisicamente, não acompanha a nossa alma. Só que é possível a gente ter uma alma muito jovem e o nosso corpo, de alguma maneira, mesmo entrando em decomposição, vai ficando cada vez mais belo. Porque o nosso corpo não vai ficando mais belo porque ele vai ficando cheio de botox, cheio de coisa. Ele vai ficando mais belo porque o corpo consegue expressar a alma. Uma pessoa bondosa, uma pessoa que trabalha bem, uma pessoa simpática, uma pessoa alegre, uma pessoa que tem valores, uma pessoa que se relaciona com Deus, é alguém que a gente olha e fala: “Ela tem um brilho, ela tem uma coisa que eu não sei explicar. Que linda”.

A Madre Teresa de Calcutá, que era uma velhinha, ou São João Paulo II, mas que você olha e fala: “Nossa, o olho deles, transparece o que tem a alma”. A gente não pode se apegar às coisas do corpo como se o corpo fosse tudo nessa vida. E que, infelizmente, é isso que está acontecendo hoje. A gente olha para o corpo e fala: “Eu preciso me apegar nisso”. A gente olha para um velho, por exemplo, uma pessoa idosa, e a gente quer encontrar na pessoa idosa notas de juventude. “Olha como ela está esticada, olha como ela está na academia, olha como ele está aproveitando a praia”. Isso deve gerar estranheza em nós, porque isso não é próprio da velhice. O próprio da velhice deveria ser a gente conseguir perceber, numa pessoa idosa, tudo o que ela conseguiu desenvolver dentro da sua alma, todos os seus valores, a sua sabedoria, a sua inteligência, o seu amadurecimento, a sua percepção da realidade, para que ela consiga passar bons conselhos para pessoas que são jovens. E os jovens olharem para uma pessoa idosa e falarem: “Ele conseguiu viver como deveria”. E isso deveria nos encantar.

Só que, infelizmente, a gente, hoje em dia, não encontra essas pessoas. Porque as pessoas estão olhando apenas para o corpo, e a alma está totalmente morta. E aí ficam querendo expressar no corpo aquilo que não existe por trás. Não existe beleza interior. E aí fica uma

coisa esquisita. São as mulheres, e homens também, que estão querendo voltar a uma juventude que não voltará nunca mais. E aí há uma estranheza. Porque não é isso que a gente espera da velhice. Não é isso que a gente espera dos idosos. Então, o tempo vai passar.

Haverá, momentaneamente, a dissociação do nosso corpo com a nossa alma. E isso precisará voltar um dia, que é a ressurreição, é necessária. Porque a pessoa é tudo. Então, isso é necessário. A morte é uma passagem que não deveria existir. Então, o nosso corpo vai se deteriorando. Tanto é que uma pessoa morta, você fala: “Não tem mais *anima*. Cadê a alma que estava aqui? E o corpo vai se desfazendo”.

Portanto, o estilo da gente se vestir, mesmo que ele seja um produto cultural e efêmero, porque realmente, a gente não vai se vestir com qualquer roupa, a gente vai se vestir de acordo mais ou menos com a moda. Então, sei lá, se a gente colocar o cabelo do Elvis Presley e o homem chegar aqui, que coisa esquisita, né? Ou então, se uma mulher fizer o permanente que fazia naquela época, não combina muito. Ou se a gente usar uma maquiagem que é meio esquisita ao nosso tempo. Ou a gente usar roupas que são esquisitas ao nosso tempo, também. É algo que é esquisito.

Então, a gente precisa, de alguma maneira, estar na moda, estar com o que está disponível. Até porque, hoje em dia, sinceramente, a gente quase não consegue comprar uma coisa que não esteja na moda. Se a gente tiver sabedoria, a gente consegue manter o nosso armário e a gente consegue usar coisas que são atemporais. E a gente precisa ter sabedoria para isso. “Nossa, isso é uma peça muito antiga”. Mas que é uma peça, tipo um blazer branco, que você vai usar para sempre e sempre vai ser legal. Então, vai entrar a moda primavera-verão, outono-inverno e a gente consegue usar as mesmas peças. Mas o estilo de a gente se vestir, mesmo que a gente esteja na moda, mesmo que a gente consiga ter elementos de moda na nossa vestimenta, a gente é capaz de passar uma visão transcendente do ser humano. O que a gente precisa é, na hora em que a gente está olhando para a moda, olhando para a nossa roupa, olhando para o nosso corpo, o que nos preocupa não é a moda e o corpo em si. O que nos preocupa é ao que aquela moda está sendo servida.

É isso que eu disse. A forma como eu me visto precisa servir ao meu ideal. Onde eu acredito que está a educação dos filhos, o relacionamento que as pessoas precisam ter com Deus, o valor da família, a dignidade humana. Isso tudo eu passo para as pessoas não só a partir das coisas que eu falo, mas a partir da forma como eu me visto, da forma como eu me movo, a partir do meu tipo de fala. O que as pessoas esperam de mim. É isso que a gente falava antes. O meu coração não precisa estar na minha roupa. O meu coração precisa estar no meu ideal. Entende? É aí que tem que estar o meu coração. Então, o meu coração não tem que estar na moda. O meu coração não tem que estar na academia. Eu não estou servindo a elas; elas estão me servindo para que eu possa servir melhor os meus filhos, o meu marido, as pessoas que me seguem, as minhas alunas, as minhas amigas. Então, é claro, o nosso coração não vai estar nisso. Se em algum momento eu perder isso por algum motivo, bem, eu vou continuar sendo eu.

Um dia eu estava escutando um sacerdote falando de uma pessoa que ficou tetraplégica. E aí perguntaram: “O que você acha sobre isso?” E ele: “Eu perdi 5% da minha capacidade humana”. 5%. Porque o meu corpo é só uma parte disso. A gente não sabe se a gente vai ter alguma questão que não vai deixar a gente continuar, seja financeira ou estética, para continuar sendo como a gente está sendo hoje e gostaria de ser. Mas, se a gente coloca o nosso coração nisso, aí a gente vai sofrer muito. Então, o nosso coração não pode estar aí. E aí que entra a sobriedade para gente conseguir não gastar mais do que a gente deveria, e que



a nossa cabeça não esteja nas coisas, no material, mas na nossa alma, na percepção que as pessoas têm de nós e a percepção que a gente tem em relação às outras pessoas.

A alta moda deve repetir a beleza, e também as roupas simples, o lugar, aquilo que a gente veste no dia a dia. Ou seja, a roupa que a gente escolhe pra ficar em casa está totalmente de acordo com tudo isso que a gente falou. A forma como a gente está no mundo, tanto pro nosso marido, como pros nossos filhos, como para os nossos funcionários, como a gente está na empresa. A vestimenta, portanto, é um reflexo dos meus valores.

Se eu tenho como valor que eu tenho o dever de educar os meus filhos, que eu tenho o dever de ser uma autoridade para os meus filhos, autoridade entendida no sentido do serviço que eu, enquanto mãe, enquanto pai, presto aos meus filhos para que eles possam chegar na sua plenitude, na sua plenitude integral do que ele é, desenvolvendo tudo o que ele precisa desenvolver, isso é a minha autoridade, ou seja, eu o educo com intencionalidade, fazendo o que é o melhor pra ele e não com autoritarismo, eu educo os meus filhos porque esse é o meu dever, porque os meus filhos têm direito a que eu os eduque e que eu seja essa autoridade. Eles precisam olhar pra mim e falar: “Eu quero seguir o que minha mãe e o que meu pai dizem, porque neles eu encontro coerência, neles eu não encontro autoritarismo. Neles eu não encontro permissividade, neles eu encontro uma luta para que eles sejam autoridade”.

Quando a gente se veste adequadamente, de acordo com esses valores, eu sei o meu papel, e ele vai ser expresso pelas coisas que eu faço com os meus filhos, mas também será expresso pela forma como eu falo com ele, pelo jeito que eu estou em casa. Se eu estou em casa assim, os meus filhos não conseguem perceber uma autoridade em mim. Eu preciso estar sentada adequadamente. “Mas você está sempre assim em casa?” Sim, sim. A forma como você está posta, isso é uma coisa que a gente precisa encarnar em nós, porque isso ajuda as pessoas. A percepção dessa realidade da autoridade, do dever e do direito que eles têm de ser educados por você e de que você é uma pessoa que vale a pena ser ouvida, a sua vestimenta faz parte disso. E não só para os seus filhos, mas para que o seu marido respeite a sua dignidade, respeite o seu trabalho, respeite a sua escolha, ou a escolha de vocês dois, por exemplo, de ter ficado em casa, ou a escolha, ou não a escolha, mas quando você chega em casa, você começar a educar os seus filhos, isso é mostrado para os seus filhos, para o seu marido, para a babá que te ajuda, para a avó que ajuda. Elas percebem a sua autoridade não só em relação à educação dos filhos, mas em relação a todas essas pessoas que estão te ajudando, essas pessoas a quem você está delegando algo. Elas percebem em você uma autoridade.

Vou dar um exemplo. Imagine que você chega num consultório médico, um médico renomado, super bem formado, formado na UFRJ, formado nos Estados Unidos, uma super residência, um monte de doutorado, mestrado, especialização e tudo. Você chega num consultório dele, e o consultório dele é um consultório sujo, o jaleco sujo, com o botão totalmente trocado, com o cabelo totalmente desfeito, com o dente mal escovado, cheio de tártaro, com uma meleca no nariz. Você olha para o médico e você não consegue confiar nele. Você fala: “Esse médico, muito provavelmente, não sabe o que está fazendo, tem uma coisa aqui que não tá ligando uma coisa na outra. Ele diz que é muita coisa, mas quando eu olho para a realidade, alguma coisa me chama a atenção.”

Já ao contrário, se eu vou no consultório de um médico que foi formado numa faculdade ruim, que na faculdade só tirou as piores notas, que ia para a chopada o tempo todo, que não era uma pessoa séria, mas mesmo assim conseguiu se formar. Não fez residência médica, nada. Eu chego no consultório dele e ele está com o cabelo penteado, com o jaleco impecável, com um consultório gigante, super bonito, todo bem arrumado, todo braco, com uma boa harmonia

estética no consultório, com pessoas que trabalham para ele. Ele todo formal falando com você, o consultório dele com uma vista gigante para Copacabana. Você olha e você fala: “É óbvio que esse médico é bom, como que ele chegou aqui assim? É óbvio que ele é bom”.

Os nossos olhos têm um “preconceito”, de alguma maneira. Você faz um preconceito do que a pessoa está lhe passando. E esse preconceito, de alguma forma, ajuda a gente a se situar mesmo, a se situar na vida. É impossível que não seja diferente. Tudo bem que depois a gente vai avaliar, mas mesmo assim a gente fica um pouco receoso na primeira situação, e a gente fica mais confiante na segunda situação. É inevitável. O preconceito, de alguma maneira, nos situa na realidade, porque a beleza do primeiro médico, a beleza de tudo em que ele estava envolvido, no sentido de harmonia, no sentido de cuidado das cores, por exemplo, relacionado com o consultório, no sentido de ordem, de como as coisas estavam dispostas, no sentido de proporcionalidade, no sentido de limpeza, na elegância de ele escolher os melhores enfeites, a paciência, o cuidado ao falar com você, a forma como ele imposta a voz, a coerência do que você está vendo com ele e com a forma como ele está. E o normal é a gente ligar o belo ao verdadeiro. Isso é verdadeiro, isso é bom, esse é o normal, a gente ligar o belo ao verdadeiro e à bondade.

A gente pode se enganar? Pode, nesse caso, a gente se enganou. Era tão bonito, mas, na verdade, era mentiroso e não era bom. Mas, a gente tem quase que um radar, e esse radar, em geral, nos ajuda. Quando a gente vê, por exemplo, uma pessoa na rua bem apessoada, bem arrumada, a gente tende a achar que é uma boa pessoa. Muitas vezes, obviamente, a gente se engana. E o que nos ajuda, por outro lado, quando a gente olha para o feio? A gente liga com a mentira. A gente fala: “Esse médico não deve ser bom”, e a gente liga com a maldade. Se eu entrar nesse consultório, ele vai me passar o remédio errado. Esse é o normal, e essa é a regra. A regra é essa mesmo. Na vida, em geral, é assim. O belo está relacionado com o verdadeiro, que está relacionado com o bem. Então, por exemplo, quando eu chego para vocês e falo: “Eu procuro me vestir de forma bela, porque a mensagem que eu levo, eu acredito que seja verdadeira e boa”. Eu desejo que haja uma coerência. Esse é o normal, e é por isso que eu dizia que as pessoas precisam olhar e falar: “Parece verdadeiro, e parece bom, deixa eu analisar”. A gente vai analisando com o tempo, e a gente fala: “Verdade, é verdadeiro mesmo, é bom mesmo”. É óbvio, a nossa primeira impressão é aquela impressão que vai ficar diante de nós, e depois, a gente vai precisar avaliar, claramente.

Como que a gente vai perceber as nuances de que nem tudo que é belo, verdadeiramente vai ser verdadeiro, e vai ser bom, por quê? O mal não é bobo, não é isso que a gente dizia? Se eu mostrar que eu sou maravilhoso, as pessoas vão tender a comprar isso. Por exemplo, vou falar de uma situação difícil aqui. Uma pessoa que é um abusador de criança, ele vai estar muito bonito, ele vai ser muito simpático, ele vai ser muito legal, ele vai ter vários doces para as crianças, algo que a criança vai olhar e falar: “É belo, é verdadeiro, é bom”. É óbvio, porque ele não é bobo, porque se ele chegar feio, tipo o Lobo Mau, a criança vai falar: “Ah, não, calma aí. O Lobo Mau, eu já sei. Quando eu olho uma coisa feia, quando eu olho uma fera, eu já ligo claramente com o mal. Esse é o normal das crianças, e a gente precisa educar os nossos filhos assim mesmo, para que eles consigam perceber que o belo está relacionado com o verdadeiro, que está relacionado com o bem; o feio está relacionado com a mentira, que está relacionada com o mal. Essa é a regra.

O que vai nos ajudar a perceber as nuances? Porque nem sempre o que é bonito é verdadeiro e bom; nem sempre o que é feio é mal e mentiroso. A gente vai perceber isso através da nossa maturidade, através da nossa vivência, através da nossa convivência, através do sexto sentido, através das coisas que a gente viu. “Isso aqui está me cheirando a uma coisa ruim”. Isso a

gente desenvolve com o tempo. A gente adquire com o tempo, e por isso a gente precisa proteger os nossos filhos, porque o *modus operandi* dos nossos filhos deve ser esse: bom, verdadeiro e belo, que é a regra e deve ser assim. Do contrário, as crianças ficarão muito confusas, então a gente precisa educá-las assim para que elas consigam compreender.

A gente precisa, sim, mostrar para as crianças coisas belas, coisas que tenham coerência, coisas que tenham harmonia, coisas que tenham ordem, proporcionalidade, limpeza, elegância. Isso tudo precisa estar em nós, isso precisa estar na nossa casa. Paciência, a beleza é paciente, coerência entre o lugar que você está indo, a forma como você está vestida, entre a beleza de onde você está indo e o que de fato aquilo corresponde. A beleza tem relação com a dignidade das pessoas, com respeito ao outro. Isso é beleza.

Quando a gente vê fezes jogadas numa tela, isso é arte? Isso provavelmente não é beleza. Faltam todas essas coisas, falta harmonia, falta coerência, falta proporcionalidade, falta limpeza, falta elegância, que escolher o melhor. A gente não pode chegar para os nossos filhos e falar: “Isso é belo”. Não é. A gente precisa educar os nossos filhos. Qual é a regra? Bom, verdadeiro e belo; mal, mentiroso e feio.

Como que a gente vai ajudar os nossos filhos a perceber as nuances? Através da maturidade, através de algo que eles vão desenvolver, principalmente quando eles estiverem mais velhos, com uns 12 anos, em que você vai ajudando a que eles percebam a maldade do mundo. Até lá, é você que precisa proteger os seus filhos da maldade do mundo para que você consiga. Isso que eu sempre digo: educar os seus filhos na piscina tranquila, para que eles saibam nadar na piscina tranquila e depois irem para o mar revolto. Se você fizer o contrário, não vai dar certo, ele vai se afogar, ele vai ficar totalmente desorientado.

Naquele filme, Shrek, o Shrek, que é o verdadeiro e que é bom, ele é feio. Isso é muito complicado para as crianças. E o príncipe, que é bonito, na verdade ele é mau, na verdade ele é mentiroso. Isso é muito ruim, isso confunde a cabeça dos nossos filhos. Eu não estou falando das pessoas feias. Eu tenho uma constituição que não é a mais bonita do mundo, mas, ainda assim, eu posso ser bela através do cuidado da roupa, da forma como eu falo, do meu vocabulário, através da minha inteligência, através da harmonia que eu procuro desenvolver em mim, através do desenvolvimento da minha vida interior, para que isso se expresse no meu corpo, através do respeito da dignidade do meu corpo, através do respeito do outro, através da minha coerência de vida, através da proporcionalidade das coisas, através da roupa. Isso tudo é belo. Eu não estou falando de uma pessoa bonita. Eu estou falando da beleza que ela passa a ter por causa disso tudo. E isso a gente precisa conseguir identificar, porque as notas da beleza, todas elas que eu estava falando aqui com vocês, harmonia, cuidado, elegância, ordem, proporcionalidade, isso tudo são valores propriamente humanos. Isso são valores propriamente humanos. Então, a beleza está relacionada com isso.

Querer deturpar isso é que é o problema. Então os nossos filhos precisam falar: “Não tem proporcionalidade. Não tem paciência. Não tem coerência. É uma coisa esquisita em que as coisas foram mal escolhidas. Em que foi um mal escolhido de propósito”. Os nossos filhos precisam conseguir perceber: aqui está o mal, e aqui está a mentira. Você entende como a gente precisa ensinar isso aos nossos filhos? Você querer deturpar isso quando eles são pequenos vai causar uma grande confusão. Eles não vão ser capazes de realmente perceber as nuances da regra.

A gente estava falando lá sobre os valores em relação à nossa vestimenta. Quando a gente se veste, a gente tem todos esses valores em relação à beleza, em relação à nossa autoridade.

Ou seja, mais um valor. A importância que eu dou à minha família e ao lar que eu estou formando. Quando eu estou vestida de forma elegante. Elegante não no sentido de alta costura. Mas no sentido de que eu escolhi porque eu pensei qual era a melhor roupa para eu estar em casa, a roupa mais adequada, que pode ser uma roupa confortável, mas uma roupa adequada, para que os meus filhos, o meu marido e as pessoas que trabalham comigo perceberem tudo isso que eu estou dizendo. Eu preciso mostrar para os meus filhos, mostrar para o meu marido que eu dou importância a eles mais do que eu dou às pessoas que trabalham comigo.

Ou seja, eu saio de casa, me “emperequito” toda, faço cabelo, faço maquiagem, faço não sei o quê, estou super arrumada. O que estou falando a essas pessoas? Que essas pessoas me importam. Me importa o meu trabalho. Isso é o que me importa na vida. Quando eu chego em casa para estar com as pessoas com quem de fato eu deveria me importar, eu coloco a melhor roupa, eu não escovo o dente, eu não coloco maquiagem, eu estou completamente desleixada. Eu necessariamente passo uma imagem de que o meu trabalho é mais importante do que aquelas pessoas. Tanto para a minha família, quanto para mim mesma. Então eu estou mostrando que o meu trabalho é mais importante do que a minha família.

Quando a gente escolhe uma boa roupa, a gente mostra: “Eu estou pronta para fazer o trabalho que me cabe, que é ser uma boa esposa, que é ser uma boa mãe, que é cuidar adequadamente da minha casa. Eu não estou falando só para as mulheres, eu estou falando para os homens, também. A forma como eles estão dispostos em casa. Então, a gente mostra a nossa disposição, a nossa inclinação, o que a gente está disposto a fazer por eles.

Outro valor: a gente mostra com a nossa roupa o respeito para com as pessoas que trabalham com a gente. Então a gente mostra o valor que o trabalho delas também tem. Porque eu estou ali bem vestida, estou adequada, e elas olham para mim e falam: “Ela, quando está fazendo as coisas da casa, arrumando uma cama, varrendo o chão, arrumando a comida das crianças, está vestida adequadamente”. Isso necessariamente reverbera nas pessoas. As pessoas passam a querer estar mais bem arrumadas. Isso claramente acontece na minha casa. Começam, às vezes, a trabalhar de um jeito e já querem trabalhar de outro. Estão melhor dispostas, estão ali vendo que eu valorizo o trabalho delas. Então, isso tudo é bastante importante e, necessariamente, com isso elas trabalham melhor. Quem faz *home office*, por exemplo, se estiver fazendo o trabalho de pijama, vai fazer de um jeito. Se estiver vestido com roupa de trabalho, vai fazer de outro. Não tem jeito. É a disposição. A nossa disposição da alma muda.

Outro valor que é a sobriedade. A sobriedade é isso: a nossa elegância. Mas a sobriedade não é para a gente exagerar, porque a roupa não é o mais importante. A nossa beleza não é o mais importante. A gente está preocupado no serviço aos outros. A laboriosidade é isso: a gente trabalhar bem. Quando a gente está em casa, mesmo que eu não trabalhe fora e fique só com os meus filhos (grande parte da minha vida de casada foi assim) eu sempre estava arrumada em casa, aquele era o meu trabalho. E isso me ajuda a trabalhar bem. Aquele era o meu *home office*. Então, isso me dispõe a trabalhar melhor, me dispõe a servir e a fazer mais coisas. Outro valor é o cuidado das pequenas coisas. Quando eu me arrumo, isso é uma pequena coisa, um pequeno gesto que mostra, que me lembra que a gente precisa cuidar dessas pequenas coisas. E isso faz com que eu cuide de outras pequenas coisas: de arrumar a minha casa adequadamente, ao tirar uma roupa, não deixá-la desleixada de qualquer jeito. Vou arrumar, colocar um livro em cima da estante, não colocar de qualquer jeito, acabei de tomar banho, não colocar a toalha de qualquer forma. Ou seja, no cuidado com as pequenas coisas.

Outro valor: a prontidão e a diligência na entrega. Ou seja, quando eu estou em casa arrumada, estou sempre pronta para receber alguém que precise. "Samia, eu estou precisando, você pode conversar comigo?" Pode. Passa aqui agora. Ou: "Samia, alguém está precisando de uma ajuda, de levar não sei aonde, me ajuda?", "Claro, já estou indo". É uma prontidão, mesmo. Uma vizinha: "Amiga, você pode trazer por favor um cacho de banana?" Claro. Estou vestida, estou indo aí. Ou seja, isso é uma prontidão, uma prontidão de entrega. Se você está arrumada e uma amiga te pede uma ajuda, você pode recebê-la. Se você não está, "Eu estou tão desarrumada, minha casa está tão bagunçada. Deixa para depois". Então você vai deixar a sua entrega para depois.

E por último, a beleza é um reflexo da nossa vida interior. Quanto mais a gente cresce para dentro, quanto mais a gente exercita a nossa alma, quanto mais a gente alimenta a nossa alma, mais a gente vai tentar, pelo menos, e necessariamente, expandir a nossa beleza. Porque vai nos dar gosto, o belo, porque a gente está no bom, e a gente está no verdadeiro. Então, o belo será uma consequência. Ou seja, vai nos estranhar o que não é belo.

Por exemplo, música. Se você acostuma os seus filhos a escutarem boa música, quando eles escutarem, por exemplo, um funk com palavras ruins, com danças ruins, ele vai estranhar. Porque ele fala: "Tem alguma coisa muito estranha. Isso parece mau." Porque ele está acostumado com o bem, com o belo, que ele vê como um bem, como verdadeiro. Assim como, se você está vestido adequadamente, tem mais chances de os seus filhos homens procurarem uma mulher que seja uma mulher boa, uma mulher verdadeira. Porque eles vão procurar também pela sua beleza externa. Você entende que não é beleza física, estética, da cara da pessoa? Mas toda a beleza que está envolta nela, porque vai mostrar uma ordem interior. Então ele vai tender a isso. Tá bom? Então é mais um motivo pelo qual a gente precisa estar bem vestida.

Assim como as nossas filhas. Então, é bom a gente estar bem arrumada, bem disposta. As nossas filhas precisam olhar para nós e falar: "Como a minha mãe é bonita, consegue viver e usar a moda de forma adequada, que valorize a sua dignidade." Então a gente precisa ter esses bons exemplos para as nossas filhas, para que a gente consiga arrastar com o exemplo, com o exemplo das nossas amigas também. Não é necessário você se vestir com decote, com roupas curtas, com short curto, sem cuidar da sua dignidade de ser humano. E aí é uma coisa que eu acho que as mães de meninas precisam sempre cuidar, você estar atenta a essas coisas da moda para você conseguir saber a melhor forma de a sua filha se vestir, e você dar todas as ferramentas, não só em relação à roupa, mas em relação à formação dela como um todo, na sua integralidade, para que ela arraste as amigas dela para o bom caminho, e não que ela seja arrastada pelas amigas. Nós temos que colocar os nossos filhos na escola, no mundo, com uma fortaleza tal, com uma beleza tal em todos os âmbitos da sua vida, para que os amigos olhem e falem: "Eu quero ser como ele." E aí ele possa falar sobre coisas ruins que ele está vendo, porque ele vai ser uma autoridade para os amigos. Isso acontece. Vão falar: "Ele é tão legal, tão estudioso, tão diferente, vejo tanta coerência. Por que eu não vou escutar o que ele quer dizer?" Então ele passa a ser um ímã para os amigos.

Outro motivo da boa vestimenta dos nossos filhos e filhas: no uniforme, por exemplo. Os professores olham para os nossos filhos com um outro olhar. Porque eles olham para meninos e meninas que estão bem penteados, com um uniforme adequado, com um sapato adequado, com a meia de acordo com o que o professor manda, a escola manda. Eles olham com um olhar benevolente: "Tem alguém que cuida dessas crianças. Tem alguém que olha por essas crianças." Do contrário, se são crianças que estão desleixadas, a gente deixa vestir qualquer coisa, porque a gente compra qualquer coisa, a gente permite que entre qualquer coisa na



nossa casa, e não estão arrumados: "Mas ele é assim mesmo, deixa ele assim". Eu não sugeriria que fizesse isso. Só que se vocês e seu marido estão sempre adequados, eles acham que isso é o normal, as pessoas se vestirem adequadamente. Então, eles vão querer se vestir adequadamente. Por exemplo, chega uma mãe na escola e fala: "Não consegui colocar o uniforme no meu filho." A professora fala: "Caraca, não conseguiu colocar o uniforme no seu filho?" "Mas ele chorou tanto que eu não consegui." Você entende? É a vestimenta que tem uma função social, e a mãe não tem autoridade sobre essa criança. Então, a professora necessariamente já vai olhar aquilo com preconceito. Pode ser verdade? Pode não ser verdade. Mas é aquilo que eu falei. O que vai fazer a gente ver se isso é verdadeiro ou não? É o tempo. É a maturidade. É a passagem. E aí você está exigindo que o seu interlocutor tenha uma vida interior gigante para que ele tenha uma benevolência com você gigantesca. E não é a realidade da maioria das pessoas.

A nossa forma de vestir alimenta os nossos bons valores. Ela retroalimenta os nossos bons valores. E os nossos valores alimentam a nossa forma de vestir. O nosso bom gosto, a gente não nasce com ele. A gente desenvolve, porque nós somos seres sociais e vamos aprendendo os códigos de conduta, o que é aceitável, o que as pessoas esperam, e isso não tem problema nenhum. Porque precisamos estar, principalmente, de acordo com a dignidade do ser humano. Então, a gente precisa alimentar isso, sim. A gente vai desenvolver o nosso bom gosto com o tempo, através de pessoas que a gente observa, que nos agradam, através de aulas sobre beleza, sobre moda, sobre coisas que precisamos saber. A gente gasta uma pequena parte do nosso tempo ouvindo sobre isso, sobre qual é a tendência e tal. A gente vai lá, pega uma tendência.

Não é necessário gastar muito tempo com isso, mas dedicar um tempo na sua semana para ouvir sobre isso e saber o que se diz, porque isso faz parte do que eu quero passar para o mundo, da verdade que eu quero passar para o mundo. Então, convém expor os nossos filhos a boas coisas, principalmente as nossas meninas, mas os nossos meninos também. Não só a roupa, mas a boa música, bons filmes, boa exposição de arte, que você esteja bem, que a sua casa esteja bem, arrumada, ordenada, que a sua mesa esteja ordenada e bem posta, porque a gente come com os olhos, também. Então, a beleza está totalmente relacionada com isso. A beleza está relacionada com a virtude.

Quando a gente consegue se vestir adequadamente, quando a gente consegue expor essa beleza, a gente tem até mais autoridade para falar das razões morais pelas quais a gente escolheu aquilo. Porque a pessoa olha e vê coerência. Então, o bom gosto é algo que a gente precisa desenvolver. E eu acho que as mães e meninas especialmente devem fazer isso, por tudo isso que a gente está falando aqui. Então, a beleza dos nossos filhos vai ser desenvolvida cada vez mais pela forma como eles estão no mundo, pela forma como eles falam, pela forma como eles se colocam, pela forma como eles têm boas maneiras em relação aos outros, pelo respeito que eles têm aos outros, pelo respeito que eles têm com os professores. Isso é o alimento que a gente dá à alma, que vai refletir na sua beleza. Então, quando a gente trabalha com tudo isso, o cuidado no vestir, no falar, no suportar, a gente está desenvolvendo ali uma terra fértil para que grandes valores consigam nascer no coração dessas crianças, para que as virtudes possam realmente se desenvolver. O que eu quero dizer com isso? É eles quererem querer. Ou seja, eles olharem o bem, o verdadeiro, o belo, e desejarem aquilo. Porque eles veem que aquilo realmente funciona. Porque o bem, o verdadeiro, o belo têm um brilho por si só.

Só para pontuar: a gente não precisa ficar no consumismo, no luxo excessivo. A gente precisa conseguir viver a sobriedade na moda, na forma como a gente se veste. Mas a gente não deve se escravizar com essas coisas materiais. Então, qual é a minha opinião em relação a isso da

modéstia, a forma como a gente deve se vestir? A minha opinião: eu vivo no meio do mundo, no meio das pessoas. Eu não quero ser uma pessoa que, através da minha vestimenta, tenha um preconceito daquilo que eu sou. Não. Eu quero estar no meio das pessoas, no meio de todo mundo, como as pessoas se vestem, cuidando, obviamente, para que a minha vestimenta seja de acordo com a moda, de acordo com a cultura, de acordo com o que é normal, que eu acredito, para que eu consiga através disso expressar os meus valores.

Eu espero que tenha sido uma boa aula. Eu acho que a gente vai caminhar um pouquinho no sentido de alimentar a educação das meninas, e dos meninos também. Espero que tenha ajudado a dar todos os argumentos de por que ficar vestida em casa.

E mais uma coisa: em relação ao sapato. Eu fico com o sapato. É isso. Mas eu entendo que algumas pessoas não gostem, que incomoda. Eu sugiro que tenha um sapato de ficar em casa, um sapato adequado, um tênis e um outro sapato para ficar em casa. Só uma curiosidade sobre isso: quando eu era mais nova, assim que eu casei, eu ficava de salto alto em casa. É que agora eu estou velha, não aguento mais, mas eu ficava com pequena sandália, com pequeno salto alto. E lá ia eu, com os meus filhos, fazendo homeschooling, e de salto alto. Mas minha idade já não me permite.

Então é isso, meninas. Até a próxima aula!